
BURKE, P. *O historiador como colunista:
ensaios para a Folha.*

Trad. de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 2009. 320p.

Diogo da Silva Roiz*

As colunas de um historiador da cultura: entre ideias, projetos e ações

Já se tornou comum a afirmação de que no século passado houve alterações significativas nos campos de pesquisa (com a proliferação de novos), nos métodos e procedimentos, nos temas e nas fontes de estudos históricos, cuja base dessas mudanças estaria fincada nas revisões e nos diagnósticos a que os historiadores procederam, em função das críticas das nascentes ciências sociais à historiografia oitocentista, a partir do fim do XIX.

Se a história cultural tem sido vista como uma abordagem promissora, a partir dos anos 70 (séc. XX), vindo a ser hegemônica entre as pesquisas realizadas nos anos de 90 (séc. XX) nem por isso estaria isenta de críticas, de fragilidades, de imprecisões, que os principais praticantes, bem como os pioneiros desse campo e seus críticos já notariam. Peter Burke, que é reconhecido como um dos pioneiros desse campo, ao lado de Roger Chartier, Robert Darnton, Lynn Hunt, Daniel Roche, Michel Vovelle e E. P. Thompson, que viriam a seguir as trilhas de Norbert Elias, Natalie Zemon Davis e Raymond Williams, em seus textos não deixariam de notar certos paradoxos que o campo da história cultural traz consigo. Em seu livro: *O historiador como colunista*, que organiza parte dos textos que encaminhou para o *Caderno Mais*, do jornal *Folha de S. Paulo*, durante um período de

* Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista do CNPq. Mestre em História pela Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). Professor na UEMS. *E-mail*: diogotr@yahoo.com.br.

mais de doze anos consecutivos, Burke abordaria algumas dessas questões. Quase sempre, contribuições encaminhadas mensalmente e publicadas no caderno ora mencionado, única exceção aos textos selecionados será um sobre Koselleck (p. 91-95), que Burke teria encaminhado à *Folha*, mas nunca teria sido publicado. Como notaria Ángel Gurría-Quintana na apresentação da coletânea, Burke representaria um bem-sucedido encontro cultural com o Brasil, fato, aliás, semelhante ao que se deu nos anos 60 (séc. passado), entre as obras de Freyre e Braudel, acrescentaria.

Como o autor esclarecerá na introdução, o livro em pauta é um *ensaio sobre ensaios*, quer dizer, tomando de empréstimo o termo de Montaigne, e que veio a significar “não só escrita curta, mas também leve e possivelmente superficial, uma expressão de opinião que não se baseia num pensamento rigoroso ou numa pesquisa extensa, uma discussão de um tópico que pode parecer meramente trivial, um texto fácil de ler e produzido para uma ocasião particular, como uma coluna de jornal, sem muita esperança de ser lembrada uma semana depois” (p. 23), é que foram resgatados de um possível esquecimento, para formarem um painel rico e, até certo ponto, ambicioso, sobre o campo da história cultural, seus praticantes, algumas incursões recentes sobre fontes, temas, períodos e objetos, e certos debates e críticas a ela dirigidos. Nesse sentido, são reflexões (algumas em forma de obituários) sobre obras recentes, indivíduos, instituições, objetos ou práticas “que são parte de nossas vidas mas têm uma história mesmo assim, quer a chamemos de social, quer de cultural”, tanto quanto de “discussões de grandes ideias, como a globalização, a corrupção ou a pós-modernidade, que tentam colocá-la em seu contexto cultural, o que chamo de mentalidades, atitudes ou pressuposições que a maioria de nós virtualmente não se dá conta de ter, mas que variam de lugar para lugar e mudam de um período para o outro”. (p. 25). Não por acaso,

é um desafio para um historiador acadêmico, que geralmente escreve para outros estudiosos ou para estudantes, tentar atingir um público mais amplo e variado. É um desafio ainda maior para um inglês tentar atrair leitores brasileiros, pensar quais os temas que poderiam interessar a eles e fazer comparações entre pessoas e acontecimentos dentro e fora do Brasil. (p. 25).

Por certo, esses fatores não deixam de ser representativos, mas ao que o autor não dá tanta ênfase é que por ser um dos principais praticantes, e representante, do campo da história cultural, e que quase todos seus textos

se encontram traduzidos no país, já ser um ponto de encontro cultural, e do convite que lhe foi expedido pela *Folha*, para contribuir com textos mensais em seu *Caderno Mais*, assim como de já ser um autor conhecido no País, não apenas pelo público especializado em história ou ciências sociais, mas também de outras áreas, bem como o grande público leigo. Além disso, como já foi notado por Braudel e também por Lévi-Strauss, quando aqui estiveram como professores na recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o público que encontrariam estava mais interessado nas “modas”, isto é, com o pensamento atual e em processo de produção na França e na Europa, do que com aquilo que já estava consolidado, apurado e testado, visto que a base de sua cultura geral se encontrava em manuais, a maioria feitos no País (com conhecimento superficial dos temas tratados), mais do que artigos e livros especializados. Se isso se devia à incipiente fixação de editoras e livrarias no Brasil até aquele momento, sendo ínfimas as traduções de obras estrangeiras (e as feitas pouco apuradas), a mudança desse quadro, nas últimas décadas, não levaria consigo o hábito arraigado de “rotinização das modas historiográficas”, em que o foco de traduções a elas se detendo, e os programas de pesquisa e fomento norteando suas metas a partir delas, tanto quanto à bibliografia dos cursos, indicam, mesmo que parcialmente, por que os textos de Burke, até os circunstanciais (como os publicados em jornais e agora recolhidos em livro), geram tamanho interesse, discussão e atenção do público especializado ou não.

A obra foi dividida em quatro partes, que tratam, respectivamente, de pessoas e livros, ideias e mentalidades, da história social do cotidiano, e lendo a cultura também como texto. A primeira centra-se na discussão de obras recentes (algumas análises feitas na forma de obituários ou homenagem ao autor e à obra), dando destaque a Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, entre os nacionais, e Ernst Gombrich, Michel de Certeau, Eric Hobsbawm, Reinhart Koselleck, Fernández-Armesto, Edward Said, Henry James e Harold Innis, entre os estrangeiros. Não deixa de ser sugestiva a escolha dos autores e as obras, também eles, de certo modo, ou praticantes de uma história cultural ou social, ou contribuindo, em alguns casos, para o desenvolvimento da história intelectual e dos conceitos. Na segunda aborda questões como empréstimos culturais, propriedade intelectual, globalização, pós-modernidade, revoluções, que indicam certas tensões entre a prática da história das ideias e a das mentalidades. Na terceira focaliza temas do cotidiano como carnaval, roupas, clubes, futebol, boato, fofoca, lixo, viagem

e turismo, que também ensejariam a oportunidade de o autor demonstrar algumas tensões entre a história social e a cultural. Na quarta e última, dá ênfase à cultura e à leitura que é feita sobre ela, às vezes como texto a ser interpretado no tecido social, como a enfocou Geertz. Neles se concentra em aspectos da filosofia, dos mitos, retratos, museus, bibliotecas, fotografias, teatros, como forma de analisar a cultura (também) como texto.

Assim, resumido o conjunto, o leitor tem novamente a oportunidade de apreciar esses ensaios curtos publicados na *Folha*, numa organização que os predispõe em blocos, cuja função é nortear discussões sobre a história cultural, os temas aos objetos, as abordagens aos procedimentos de coleta de dados, ao cruzamento de fronteiras entre os campos de pesquisa, até as fragilidades e críticas que são encontradas ao se estudar e pesquisar cada questão. Nesse sentido, os textos estão articulados e oferecem um rico painel sobre discussões recentes, a respeito de obras, autores e temas, além de complementarem a própria obra de Burke, e alguns dos temas que já havia abordado em outras circunstâncias.